

MARGARIDA FERRA

Saber perder



Campo de jogos

Aproveito o tempo a mais que passamos em casa para ensinar a um dos meus filhos como se faz malha. Começamos com uma agulha. O *crochet* é fácil, dá um prazer imediato quando se deixa a malha baixa e se passa para os paus: envolver a agulha em voltas extras, como um bailado, o trabalho progride mais depressa. Viu-me a fazer uma gola simples — não passo dos rectângulos sem diminuições ou aumentos — e havia curiosidade sobre a lã mesclada que eu usava. O segredo estava na outra ponta do fio: dois novelos, um branco e um castanho-escuro, rodam devagar no chão, seduzem o gato, enquanto a malha cresce.

*

No café da esquina trabalhava um novo rapaz. A princípio, não sabíamos o nome dele. Talvez andasse pelos vinte, mas também podia ter bem mais de trinta anos.

.....

Nessa altura, eu gozava de um prolongamento da licença de maternidade, que atrasava o meu regresso ao trabalho e adiava a entrada do meu filho mais pequeno na creche. Noites mal dormidas e o fim mal gerido da amamentação consentiam-me uma dose generosa de caféina. O novo rapaz atrás do balcão gostava muito do meu filho bebé, que seguia comigo na mochila, colo de mãos libertas. Falávamos pouco, em inglês. Perguntei-lhe se tinha filhos, imaginando-lhe a saudade do distante Paquistão. «*Me?! Kids?! No... I'm a child myself!*»

No glossário privado da família, ele passou a ser conhecido por essa exclamação. «*Vou ali tomar um café ao I'm a child myself.*»

*

Há seis anos, mudei para a casa onde moro hoje. O bairro é o mesmo, o quarteirão é outro. As ruas têm nomes parecidos: mulheres da mesma família.

Demorámos a instalar-nos no apartamento. Nos meses de espera entre encontrar a casa certa e viver lá, alterei o trajecto diário entre a escola das crianças e a estação de metro, para passar perto da minha futura morada. Apanhava o metro uma estação adiante e tomava café na esquina da rua para onde havíamos de nos mudar. O café não tinha nome próprio, usava a marca da moagem da esquina: Cafés Negrita, com direito a reclame antes luminoso e chávenas com o logótipo

.....

representando uma rapariga negra de perfil, um colar alto de anéis sobrepostos sobre um pescoço longo e elegante, um bonito brinco em forma de lágrima e uma pulseira igual ao colar na mão que segura uma chávena de café.

As vitrines estavam vazias de bolos frescos. As mesas, cheias de velhinhos das redondezas. As letras em néon a dizer «Salão de Chá» e a seta que aponta para cima, apagadas. Servia cafés o dono, nada novo. Gestos de olhos fechados, ou olhos no cliente, mãos ágeis de quem já tirou muitos cafés.

*

Procuro o caderno onde escrevi há anos sobre uma mentira inocente que dava à escrita o lugar de álibi. Raramente sou leitora dos meus próprios textos, dispersos em cadernos vários, junto a listas de tarefas e contas, pilhas de números a pagar e a receber. Investigo indícios desse meu recurso à escrita para domar a realidade. Um uso inconsciente, inicial, desejo sempre adiado.

Encontro, em vez dessa, outras entradas nesse diário inviável pela falta de regularidade, ocasional, pulverizado.

Escrevi num sábado à noite que estava outra vez, em tantos anos, sozinha em casa, ainda que estivesse também um bebé adormecido na antiga sala da televisão, e dois gatos enormes em rondas lentas. Anotei que

.....

vira um documentário sobre Susan Sontag e, sentindo-me contaminada por ela, pegara outra vez num caderno. Contei como desde há muitos dias queria escrever. Sobretudo desde que soubera da morte repentina da Paula Togni no Brasil.

A Paula tinha sido minha vizinha de pátio, partilhava a casa com a amiga Monique e outras raparigas brasileiras que iam mudando sem eu lhes fixar a cara. Frequentávamos as festas de terraço umas das outras, passávamos, por cima do muro, fatias de bolos acabados de fazer. Impressionou-me o tempo que passou entre a morte da Paula e eu saber disso. Adiei a reflexão sobre a estranheza, esperando poder voltar a ela em noites de menos ansiedade, regressos como pequenos lutos à medida da curta proximidade que tivemos. A notícia de uma homenagem póstuma que apanhei nas redes sublinhava a distância desses anos em que morámos lado a lado. Reparei nisso com fascínio e dúvida, como num sonho. Teremos existido uma para a outra, se não deixámos registo do que nos ligou?

*

Leio como experimentei outra vez nessa noite de sábado uma escrita que me vai salvando. Salvava-me nessa altura de uma ansiedade persistente e sem alvo fixo. Perguntava-me então: que se passa comigo há tantos anos para nunca responder a este apelo da linguagem

.....

organizadora? Escolher palavras, moldar um texto, reflectir em directo, reformular. Dar nomes aos monstros, inventar-lhes antídotos. Perguntava-me: porque me obrigo ao silêncio, ligando-me sempre e apenas ao lado pragmático da vida?

*

Já habitava esta casa quando percebi o que acontecia. Há dias, embora nunca seguidos, em que o cheiro a café torrado enche o Bairro Andrade. Durante o confinamento, mesmo o segundo, em que o café tirado da bica das máquinas industriais parecia proibido, a torrefacção não parou. Mas os intervalos cresceram.

*

Num período especialmente intenso em solicitações e vida social, senti um forte desejo de ficar em casa, sobretudo nas noites em que podia sair porque os meus filhos não estavam. Vivia finalmente num apartamento com uma renda à medida do que podia pagar. Tinha decorado a sala e os quartos com móveis herdados e comprados em segunda mão. O terraço era maior do que a casa, muito comprido, mas cheio de clarabóias que desnivelavam o chão e lhe davam uma aparência estranha, um descampado inútil de betão e vidro fosco. Um muro pouco mais alto do que um parapeito

.....

separava o meu terraço de um outro, um pouco mais pequeno, igualmente preenchido por clarabóias, onde vivia o grupo de raparigas brasileiras que partilhava casa com a Paula.

Pagava as minhas contas, não precisava de prestar satisfações a ninguém. Recusava convites para sair com o pretexto de que estava a escrever.

Sou hábil em diplomacia e licenciada em comunicação. É muito raro mentir, encontro maneiras de não o fazer. Essa mentira modesta fazia-me sentir poderosa. Um pequeno poder sobre mim própria: eu a controlar a minha vida, a ter umas horas para mim sem dizer o que fazia delas, sem obrigações. Eu, sem viver num lugar de onde precisava de fugir.

*

Não me lembro do que fiz com esse tempo, noites roubadas ao álcool e à dança.

É possível que tenha bebido um ou dois copos de vinho enquanto lia um jornal com alguns dias. Ou procurado poemas desconhecidos na minha biblioteca mínima. Posso simplesmente ter ido para a cama mais cedo, para acordar a horas de aproveitar a manhã de sábado desde o início.

*

.....

Na cidade, ouvem-se à noite gritos entusiasmados, insultos, nomes guturais atirados para o ar, sob os holofotes, na cadência da bola que passa de um jogador para outro. Remates falhados à baliza também são entoados. De longe, só se apanham monossílabos indistintos. Não há clagues, não há bancos. Só as vozes dos jogadores, geralmente homens. Não me lembro de me chegarem sinais de mulheres quando em passeios nocturnos na cidade passei por campos públicos em que adultos amadores jogam à bola em noites de dias úteis.

*

Sempre que uma amiga me anuncia que está grávida, começo uma manta. Escolho as cores nos novelos que guardo em casa, escolho o ponto, penso no projecto de ir tricotando quadrados iguais, ou fazendo-os em *crochet*, debruados. A minha filha e o meu filho mais velho riem-se. Sabem antes de mim que não vou acabar.

Interrompo os trabalhos em malha como interrompo os textos que nunca chego a começar. Colecciono ideias como separo as lãs.

Acredito sempre que é para sempre.

Fui a primeira e a última a ter filhos. As minhas amigas agora não engravidam. Ou os intervalos aumentaram muito: ainda não posso saber.

*

.....

Devo ter passado por um daqueles campos a caminho de casa. Homens de calções e sapatilhas, gritando o nome sincopado de uns e outros, interjeições. Não olho para eles, oiço-os. A luz branca dos holofotes contrasta com o laranja dos candeeiros de rua, como as vozes masculinas rompem a cadência dos carros a passar. O campo é uma clareira.

Pensei que podia escrever assim. Como esses rapazes que roubam umas horas à vida de casa só pelo prazer de estarem juntos e darem que fazer aos músculos. Escrever como quem treina, como quem pratica sem qualquer fim. Sem campeonatos, sem outras competições à vista que não aquele jogo naquela noite. Uma arena rápida, sem claque, sem clubes.

Escrever sem pensar em publicar ou sequer em reler, só pelo prazer de trazer ao texto aquilo que não tem outro lugar.

*

Não vi o filme sobre um grupo de emigrantes brasileiras em que a Paula entrava. Mas ela chegou ao prédio depois disso e alguns amigos reconheceram-na em noites de encontro no terraço, Verão, cervejas minis e pouca luz eléctrica.

*

.....

Gostava de escrever sobre outra pessoa que não eu, uma história que não fosse minha. O mais longe que consigo ir é ao Paquistão. Não, o mais longe que consigo ir é ao café da esquina da minha rua. O Karim nasceu no Paquistão.

Se o café estiver aberto, passamos lá a caminho da creche. O meu filho pequeno entra, lava as mãos com álcool, cumprimenta e seguimos caminho.

Agora que voltei a usar o eléctrico para ir trabalhar, ou durante os dias de teletrabalho, tomo um café antes de começar a viagem ou de regressar a casa. Às vezes falamos. O Karim conta uma ou outra coisa sobre a família. Mostrou-me uma fotografia da neve à porta da casa dos pais. Sei que viveu em Londres, com o tio, que é dono deste café e do hostel em frente. Aqui servem-se os pequenos-almoços, os turistas de mochila às costas sentam-se na mesa ao lado da dos velhinhos do bairro.

*

A torrefacção e o café-estabelecimento têm o mesmo nome. Ou pelo menos o mesmo logótipo. A rapariga negra de perfil parece-me muito bonita. O nome podia ser carinhoso se não fosse paternalista. Embrenhada em novas leituras e reflexões, reparo que pode ser ofensivo para mulheres negras. Evoca quem trabalhava nos campos de café a troco de nada, ou de muito pouco. Olho

.....

para as chávenas como se as visse pela primeira vez. Que história contarão a quem? Tenho uma chávena destas em casa. Consigo gostar dela?

*

O Campo Salgueiro Maia, no bairro onde cresci. Lembro-me dos rapazes que voltavam para casa dos jogos, a passo lento, transpirados, passavam ao lado da mesa de café onde eu me reunia com amigos à noite: vidas paralelas, um vidro entre os dois grupos.

O campo bem iluminado antes da estação Roma-Areeiro. Adiante, o teatro; abaixo, linhas férreas, suburbana e nacional.

O campo do Campo Pequeno dado à observação durante o tempo de espera do semáforo.

O campo da Escola Nuno Gonçalves, na Avenida General Roçadas. Quando corria à noite, aproveitei algumas vezes o portão aberto da escola, para os jogadores noctívagos, para correr em segurança no recreio.

Listo, sem sair de casa, os campos nocturnos de que me lembro, em Lisboa, disponíveis por marcação — alguns apontam o número em grandes cartazes, como se chega aos outros é um mistério.

*

.....

Um dia, estavam ao lado do dono do café dois homens mais novos, morenos, falavam pouco português. Estranhei aquele convívio por trás do balcão. O homem mais velho serviu-me o café, os dois rapazes pareciam trabalhar ali.

Algures no fim do Verão, o senhor que parecia ser o dono deixou de aparecer. A clientela manteve-se, bem como os letreiros e as chávenas.

*

Curto, comprido, sem princípio, chávena quente, chávena fria, chávena escaldada, carioca, abatanado, todas as tonalidades de garotos. O Karim fala pouco português, mas conhece o nome de todas as variações para servir café.

*

Passaram três anos desde que cheguei ao Bairro Andrade até o meu filho mais novo nascer. Eu não ia muito ao café, havia um novo emprego e uma máquina de café gratuito, adia esse vício para outro bairro. Não ia o suficiente ao café da esquina para fixar a cara de quem me servia. Não me lembro bem dos dois rapazes, apenas que um era mais velho do que o outro.

*

.....

Pouco antes de tudo fechar pela primeira vez, em 2020, o Karim deixou de ter a ajuda de outro rapaz e passei a encontrar uma rapariga atrás do balcão. Sobre-tudo à tarde. Bonita, de olhos grandes, roliça e baixa, falava ainda menos português do que o Karim. Mexia-se atrás do balcão em passos leves e elegantes.

Chamava-se Puja — fiquei a saber, meia dúzia de cafés depois.

*

Uma colega de trabalho enviou uma fotografia para um grupo de WhatsApp. Está muito sorridente, com o marido ao lado, sobre eles os holofotes de um campo de futebol. Calçam chuteiras. Conta-me depois que deixam o filho ao cuidado de alguém e vão jogar futebol com amigos. Um grupo misto. Moram noutra cidade. Imagino-os antes dessa fotografia: nomes de raparigas chamados entre os nomes de rapazes. Talvez menos violência nos passes. O brilho nos olhos a durar mais do que a fotografia sem filtros.

*

O Karim tem um inglês muito melhor do que o meu. Encontro-o na rua durante os períodos em que é obrigado a fechar o café por causa dos confinamentos. Conversamos um pouco, conta-me como passa os dias

.....

em pesquisas *online*, a tentar reunir informações para montar um novo negócio. E diz-me no fim: «*Please, pay my compliments to Mr. José*», uma formulação de que eu nunca me lembraria. Limito-me a perguntar-lhe: «*How is Puja?*»

*

Só desfaço um trabalho de malha que tenha começado quando me interessa usar a lã para começar um novo. *Tricot* ou *crochet* não são terapia ocupacional. Uso-os para me aproximar daqueles a quem quero oferecer alguma coisa feita por mim: quem espera um filho, quem eu acho que precisa de um cachecol. Penélope é uma imagem demasiado gasta. São muitos séculos de uso indevido das noites. E os intervalos dos meus impulsos produtivos podem durar anos.

*

Escrevo «*Pakistan*» na caixa de pesquisa e tento aprender alguma coisa sobre a história oficial do país. Mesmo com o café fechado, está ao meu alcance saber mais sobre o Karim e a Puja. Troquei números de telefone com o Karim, para lhe enviar quadros-síntese com as medidas decretadas pelo governo português num dos muitos estados de emergência. Posso ligar-lhe e fazer-lhe outra vez perguntas sobre o seu país, os pais, a família. Agora

.....

que paro para reflectir mais seriamente sobre a história deles e sobre a minha curiosidade consciente em querer saber mais acerca deste par, penso que, se ligar ou escrever ao Karim, não sei o que lhe perguntar. Se o fizer, nunca será tão natural como as conversas trôpegas que fomos tendo até aqui.

*

Uma manhã de Verão, a televisão antecipava em silêncio o jogo importante da noite, Portugal já fora do Europeu. Pergunto ao Karim se está por Inglaterra na partida, lembrando-me de que viveu lá antes de vir para Lisboa. Responde-me que não: prefere não torcer pelo país que colonizou o seu.

*

Irritam-me as árvores, os postes, os bancos de jardim cobertos de pedaços de malha. Podia ser por se tratar de projectos acabados, ao contrário dos meus. Mas não é isso: incomoda-me que estas peças feitas com as mãos e tempo de alguém não tenham um destino humano.

*

A comunicação com o Karim e a Puja nos tempos de covid não era fácil: as máscaras atrapalhavam o meu mau inglês.

.....

Na manhã de 24 de Dezembro, quando passámos, depois das últimas compras, a Puja saiu a correr do café e voltou com um embrulho e uma banana no lugar de um laço. Começou assim o nosso Natal de 2020.

*

Procuro mais uma e outra vez, e não encontro o caderno onde escrevi sobre os jogadores nocturnos e amadores. Terá existido?

*

Entre confinamentos, com muito teletrabalho para despachar, fiquei sem *internet* em casa. Passei o dia no café do Karim, que respeitou como um colega o meu ritmo de concentração e pausa para dois dedos de conversa. Distingui os clientes da manhã, os da hora do almoço e os da tarde. Ouvi-o dizer «*I love you*» a uma senhora mais velha que também falava com ele em inglês.

*

Reparo que o português do Karim está muito melhor. Quando não há mais clientes e enquanto tomo o meu café, de pé, ao balcão, ele lê os oráculos dos canais de notícias em português e diz-me em inglês o que percebeu. Pergunto-lhe quando chegou a Portugal. Recuamos

.....

datas e percebemos que chegou na madrugada em que nasceu este meu filho de quem tanto gosta. O meu filho mais novo progride na língua-mãe à medida que o Karim desenvolve esta segunda ou terceira língua de escolha.

*

Há muitos anos, fui jantar a casa de uma mulher que conhecia mal. Era num andar alto, num prédio com vista para um campo usado noite e dia. Quando nos reunimos à varanda, apesar da vista, os meus olhos foram atraídos como insectos para a luz emitida pelos holofotes, um pouco mais abaixo. Ouvi a mulher contar que se tinha deitado no chão, no fim de tarde da véspera, as janelas abertas, embalada pelos sinais que chegavam do campo, até a noite cair.

*

Pergunto-me: de onde vem este desejo de contar a história do Karim, mesmo que seja só uma parte ínfima da sua história? A quem interessaria uma vida alheia que me interessa a mim? As nossas conversas não passaram de interações sem assistência. Existem sem precisar de documentação.

Que pode restar de cada um na memória do outro quando algum de nós mudar de bairro, de cidade, de país?

.....

*

Tenho ideia de ter passado para o computador as notas sobre as semelhanças entre a escrita e um jogo de futebol urbano tardio e os fragmentos de texto que escrevi logo depois, desfazendo a desculpa para não estar a escrever realmente. Procuo esse documento no computador, em *pens*, no *email*.

Duvido outra vez da existência desses apontamentos, talvez não tenham passado de uma ideia vaga que nunca cheguei a fixar ou a reler. Um texto só existe quando é lido, mesmo que o leitor sejamos nós, mais adiante no tempo.

Passaram perto de sete anos, calculo. Os intervalos foram grandes e irregulares. O álibi tornou-se defesa: escrever outra vez, escrever sobre a realidade, escrever para não ser dominada pelo que me acontece. Escrever para nomear. Escrever sobre a minha vida para ter algum controlo sobre ela — ser um pouco mais do que testemunha.

.....

Saber perder

«A memória é um quarto desarrumado. Visito memórias tentando não as tirar do seu lugar, uma ordem com regras que intuo que existem, mas que não reconheço. É impossível não dar uma nova ordem às memórias, uma disposição sempre criativa porque nasce em cada visita que lhes faço. Está tudo escrito. Escrever de novo, outra vez, é uma resposta possível ao impulso de contar.»

Fios de malha e uma viagem a casa; anéis perdidos e aventuras na Grécia; cadernos interrompidos e o mapa do quotidiano; um missal e visitas a museus; jogos de tabuleiro em família e partidas de futebol na cidade; álbuns de fotografias, um jazigo, dois naufrágios, o corpo materno e o corpo que escreve: *Saber perder* é a colecção privada dos lugares que Margarida Ferra escolheu convocar para o seu primeiro livro de prosa.

Uma teia delicada, por vezes inquietante, que nos conduz por entre as fendas da escrita, entrecortada pelo fio da vida. Uma escrita que encontra forma na penumbra de noites de insónia, nas escassas pausas que o dia-a-dia concede, no silêncio breve de uma casa quase nunca vazia. Margarida Ferra tem a habilidade rara de nos levar para junto da janela de sacada onde se senta a compor as ideias e memórias que povoam o seu mundo, afinal nosso também. Eis um convite à leitura do que nos aproxima e da nossa própria intimidade, vistos ao espelho de inquietações que partilhamos. Retrato de um modo de vida contemporâneo, onde tudo parece fugaz e poroso, *Saber perder* é uma arte contra o esquecimento de si.

não-ficção literária | 6



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN 9789895836017



9 789895 836017 >